

# Convergência

MARÇO • 2018 • ANO LIII

509



**“EIS QUE EU ESTOU FAZENDO UMA COISA NOVA!”**  
(Is 43,19)

Comunidade  
Ecológica: ambiente  
livre de focas!

A Fraternidade e  
a Superação da  
Violência contra  
LGBT

O significado da Vida  
Contemplativa, hoje

Vida comunitária,  
ato de misericórdia!

# A FRATERNIDADE E A SUPERAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA LGBT

Luís Corrêa Lima\*

## A ocasião oportuna e a ligação necessária

A Campanha da Fraternidade de 2018, promovida pela CNBB, tem como tema: “Fraternidade e superação da violência”; e como lema a palavra de Cristo: “vós sois todos irmãos” (Mt 23,8). O objetivo geral desta campanha é construir a fraternidade, promovendo a cultura da paz, da reconciliação e da justiça, à luz da Palavra de Deus, como caminho de superação da violência. Entre os objetivos específicos estão: valorizar a família e a escola como espaços de convivência fraterna, de educação para a paz e de testemunho do amor e do perdão; identificar, acompanhar e reivindicar políticas públicas de superação da desigualdade social e da violência; apoiar os centros de direitos humanos e organizações da sociedade civil que trabalham para a superação da violência<sup>1</sup>.

Esta campanha é uma ocasião oportuna para se refletir e agir contra um tipo especial de violência: a que é cometida contra os LGBT<sup>2</sup> (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais). Tal violência ganhou as manchetes de todo mundo no terrível massacre em uma boate em Orlando (EUA), em junho de 2016. Um homem fortemente armado disparou contra a multidão, matando 49 pessoas e ferindo outras dezenas. Na época, o papa Francisco expressou “os mais profundos sentimentos de execração e condenação, dor e angústia” diante desta manifestação de “loucura homicida e de ódio insensato”. Ele se uniu na oração e na compaixão ao sofrimento das famílias das vítimas, e ao sofrimento dos feridos, recomendando-os ao Senhor para que pudessem encontrar conforto. E exortou: “Todos esperamos que se possam identificar e contrastar de modo eficaz, o quanto antes, as causas desta violência horrível e absurda que perturba tão profundamente o desejo de paz do povo estadunidense e de toda a humanidade”<sup>3</sup>. Dias

---

\* O autor é padre jesuíta e professor do Departamento de Teologia da PUC-Rio. Trabalha com pesquisa sobre diversidade sexual e no acompanhamento espiritual de pessoas LGBT. E-mail: lclima@puc-rio.br

<sup>1</sup> “Resumo do texto-base da Campanha da Fraternidade 2018”. *Portal Kairós*, 23 jun. 2017. <portalkairos.org>.

<sup>2</sup> Nesta sigla, travestis são pessoas que vivenciam papéis femininos, mas não se reconhecem como homens ou como mulheres. Transexuais são pessoas que não se identificam com o sexo que lhes é atribuído ao nascerem, e sim com o outro sexo. Pode haver homem transexual, que reivindica o reconhecimento social e legal como homem, e mulher transexual, que reivindica o reconhecimento social e legal como mulher.

<sup>3</sup> “A dor do Papa pelo massacre em Orlando”. *Rádio Vaticano*, 13 jun. 2016. Disponível em: <br.radiovaticana.va>.

depois, o papa chegou a dizer que a própria Igreja deve pedir desculpas aos gays que tenha ofendido<sup>4</sup>.

De onde vem esta violência horrível e absurda? O massacre de Orlando é a ponta de *iceberg* de uma realidade bem mais ampla, barulhenta ou discreta, presente em todo o mundo e especialmente no Brasil: a hostilidade física e verbal contra os LGBT, conhecida como homofobia, no caso de homossexuais; e transfobia, no caso de transexuais e travestis. Infelizmente, na contramão da indignação do papa e de tantos outros, estão alguns cristãos extremistas que festejaram publicamente o massacre. Eles têm como lema: “Deus odeia os veados” (*God hates fags*)<sup>5</sup>. Para estes fanáticos, ainda que o autor daquela matança seja muçulmano, é um anjo exterminador enviado pelo Senhor.

## Relatos de aversão, violência física e verbal, e suas causas

Da hostilidade contra os LGBT, há exemplos em que eu e pessoas muito próximas a mim tivemos contato direto. Em 2008, o Governo Federal promoveu uma conferência para tratar de direitos humanos e de políticas públicas relacionados a essa população. Um sacerdote de minha congregação esteve presente, e conheceu uma jovem lésbica que lhe relatou sua história. Ela se descobriu homossexual e depois a sua família ficou sabendo. O pai desta jovem pediu ao outro filho, irmão dela, que com os seus colegas de escola organizassem um estupro a fim de supostamente curá-la da homossexualidade. O ato de violência aconteceu e ela engravidou. Em razão de sua fé cristã, recusou-se a interromper a gravidez por meio de aborto. A criança nasceu, e a jovem jurou para si mesma nunca mais olhar para a cara do pai e do irmão.

Eu vivi uma experiência dramática em 2011. Fui a um simpósio de direito homoafetivo na Universidade Católica de Pernambuco. Diante de um auditório lotado e vibrante, participei de em uma mesa redonda. Falei sobre o amor de Deus e a importância da consciência da pessoa. E alertei sobre o mal-uso que frequentemente se faz da Bíblia para condenar e execrar os homossexuais. Após o final, um jovem me procurou e disse: “Padre, o senhor não sabe o bem que me fez! Eu ia me matar”! Eu fiquei pasmo. Conversei brevemente com ele, pedi o seu contato e lhe passei o meu. Pedi encarecidamente que daquele dia em diante nos mantivéssemos em contato. Voltei ao Rio de Janeiro. Três dias depois, o jovem me escreveu contando a história. Resumidamente, é a seguinte:

Fui criado na Igreja. A minha mãe é ministra da eucaristia. O lugar onde eu mais gosto de estar é a Igreja. Por eu ser gay, o padre da minha paróquia fez um duro sermão em uma missa. Olhando para mim, ele disse que as pessoas homossexuais têm um demônio. Quanto mais elas vivem, mais pecam. É melhor que não vivam muito. E os outros fiéis balançavam a cabeça concordando. De tanto ouvir isto, e de tanto ver os outros concordarem, tomei uma decisão: “este demônio aqui não vai mais viver”! Eu decidi que no dia 17 de setembro de 2011 iria a um prédio público de dezoito andares, e me atiraria do topo. Escrevi uma carta de despedida à minha família e coloquei na mochila. Quando esse dia amanheceu, peguei o ônibus rumo ao local. Porém, encontrei no ônibus um amigo que me disse: “vamos ao simpósio da Católica”. Eu não queria ir, mas o meu amigo insistiu. Eu aceitei porque a Universidade ficava no caminho. De lá, eu seguiria para o prédio a fim de fazer o que tinha decidido. Ao chegar na Universidade, vi na programação que à tarde um padre ia falar.

---

<sup>4</sup> Conferência de imprensa do santo padre durante o voo de regresso da Armênia. 26 jun. 2016. Disponível em: <w2.vaticana.va>.

<sup>5</sup> Igreja Batista de Westboro. Acesso em: <www.godhatesfags.com>.

Decidi ficar para ouvi-lo. Padre, quando o senhor fala, não imagina o que se passa na cabeça das pessoas que lhe ouvem. Suas palavras salvam vidas! Pelo amor de Deus, não pare!

Confesso que ao ler esta carta chorei muito, como poucas vezes chorei tanto em minha vida. Nos meus 23 anos de sacerdote, nunca tive uma experiência tão dramática e tão emocionante quanto esta. Desde então, este jovem e eu nos falamos com frequência. Felizmente, ele superou aquela depressão em que se encontrava e seus desejos suicidas.

O padre Júlio Lancellotti trabalha na cidade de São Paulo com população de rua. Ele frequentemente encontra LGBT que vivem nas ruas da cidade, conversa com eles e lhes dá assistência. Alguns estão doentes, feridos e abandonados. Muitos relatam histórias de violência, abuso, assédio, torturas e crueldades. Alguns contam como foram expulsos de igrejas e comunidades cristãs, e rejeitados pela família em nome da moral. E conclui: “testemunhei lágrimas, feridas, sangue e fome. Impossível não reconhecer neles a presença do Senhor crucificado”<sup>6</sup>.

Para representar a violência sofrida por esta população, a travesti e atriz Viviany Belebony encenou uma crucifixão na parada LGBT de São Paulo, em 2015. Depois disto, ela mesma foi agredida violentamente duas vezes como forma de retaliação. Levou chutes, sofreu cortes no corpo, teve hematomas e dentes quebrados. Sobre a segunda agressão, feita por cinco homens, ela relata algo revelador sobre a motivação dos agressores:

A todo momento falavam que eu era um demônio, que essa raça tinha que morrer. Recitavam passagens da Bíblia ou que diziam alguma coisa relacionada à Bíblia. Falavam em Romanos e coisas como “não te deitarás com um homem, como se fosse mulher” e muitas palavras que não entendia, como se fosse em outro idioma. Eles diziam também “traveco vira homem”, “praga da humanidade”. Ofensas e Chutes. Quero esquecer<sup>7</sup>.

O quadro de violência contra LGBT tornou-se mais evidente por causa da visibilidade desta população no mundo atual. No passado, para se defender da intolerância e da hostilidade, muitos deles viviam no anonimato ou à margem da sociedade. Vários gays e lésbicas se escondiam no casamento tradicional, constituído pela união heterossexual, para não manifestarem sua condição. Travestis e transexuais não tinham acesso aos procedimentos de transexualização hoje disponíveis. Em alguns lugares formavam guetos, que eram espaços de convivência bastante reservados, como forma de proteção dos indivíduos. Atualmente a situação é bem diferente. Muitos LGBT fazem grandes paradas, estão presentes em filmes, programas de televisão, olimpíadas, empresas, escolas e outras instituições; buscam reconhecimento, exigem ser respeitados e reivindicam os mesmos direitos e deveres dos demais cidadãos. Esta população está em toda parte. Quem não faz parte dela, tem parentes próximos ou distantes que fazem, velada ou manifestamente, bem como vizinhos ou colegas de trabalho.

A aversão a LGBT produz diversas formas de violência física e verbal. Há pais de família que já disseram: “Prefiro um filho morto a um filho gay!”. Há avós que já disseram: “Prefiro vinte netas prostitutas a uma neta sapatão!”. Não são raros travestis, gays e lésbicas expulsos de casa por seus pais. Entre os palavrões mais ofensivos em português, constam a referência à condição homossexual (veado!) e ao sexo anal, comum no homoerotismo masculino. Ou seja, é xingamento. Muitas vezes, quando se diz: “fulano não é homem”, entende-se que é gay; ou “fulana não é mulher”, que é lésbica. Ou seja, ser homem ou mulher supostamente exclui a pessoa homossexual. Esta aversão se enraíza

---

<sup>6</sup> LANCELOTI, Júlio. Postagem, 9/6/2015. <[www.facebook.com/AmigoseTribos](http://www.facebook.com/AmigoseTribos)>.

<sup>7</sup> QUERINO, Lucas. “Viviany Belebony é espancada novamente por cinco homens: ‘Demônio’”. 12 jul. 2016. Disponível em: <[www.superpride.com.br](http://www.superpride.com.br)>.

profundamente na cultura. No Brasil são muito frequentes os homicídios, sobretudo de travestis. Não raramente, estes homicídios são cometidos com requintes de crueldade. Há também suicídios de muitos adolescentes que se descobrem LGBT, e mesmo de adultos. Eles chegam a esta atitude extrema por sentirem a hostilidade da própria família, da escola e da sociedade. Calcula-se que o índice de suicídio nesta população é cinco vezes maior que no restante. Toda esta hostilidade com inúmeras formas de discriminação, mesmo quando não leva à morte, traz frequentemente tristeza profunda ou depressão<sup>8</sup>.

Curiosamente, esta realidade está ausente em muitos documentos da Igreja Católica. Ao se falar de pobres, excluídos e pessoas que sofrem, menciona-se frequentemente: migrantes, vítimas da violência, refugiados, vítimas de sequestro e tráfico de pessoas, desaparecidos, portadores de HIV, vítimas de enfermidades endêmicas, tóxico-dependentes, idosos, meninos e meninas vítimas da prostituição, pornografia, violência ou trabalho infantil; mulheres maltratadas, vítimas de exclusão e exploração sexual, pessoas com deficiência, grandes grupos de desempregados, excluídos pelo analfabetismo tecnológico, moradores de rua em grandes cidades, indígenas, afro-americanos, agricultores sem terra e mineiros<sup>9</sup>. Infelizmente, falar de LGBT ainda é incômodo em muitos ambientes. Não raramente, o sofrimento desta população é ignorado ou silenciado.

A hostilidade a LGBT não é gratuita. Há importantes indicações de que o preconceito contra esta população seja um temor inconsciente do coração humano que se recusa a reconciliar-se com a própria verdade. O medo do perigo de contágio, fanatismos, rigorismos e repugnâncias em relação eles e elas revelam uma necessidade de ocultar a verdade sobre a própria existência, ou sobre impulsos interiores. Na base dos preconceitos, há frequentemente o medo de perder a própria segurança diante do que é diferente, estranho e desconhecido, catalogando-o por isso mesmo como perigoso e inferior. Quanto maiores o fanatismo e a repugnância, provavelmente existe também uma maior necessidade de ocultar a própria existência, ou uma plena recusa a reconciliar-se com a própria verdade<sup>10</sup>.

O assassino de Orlando era muçulmano e casado com uma mulher, mas teve envolvimento sexual com outros homens, e frequentou a boate em que depois realizou o massacre. A fé islâmica opõe-se fortemente à prática da homossexualidade. Neste ponto, tem raízes na tradição judaico-cristã e semelhança com o que o mundo ocidental proibiu e puniu por muitos séculos<sup>11</sup>. Esta prática foi chamada de sodomia, em referência ao pecado de Sodoma que resultou no castigo divino destruidor (Gn 19), e considerada uma abominação. Tempos depois, a medicina a classificou como doença, levando até mesmo à internação de homossexuais em hospitais psiquiátricos, à castração química e ao tratamento com choque elétrico. Mudanças importantes aconteceram na sociedade e na Igreja, mas o estigma de abominação e perversão continua. Não é à toa que religiosos cristãos acusam categoricamente homossexuais e transgêneros<sup>12</sup> de serem endemoninhados, e utilizam a Bíblia para execrá-los.

---

<sup>8</sup> LIMA, Luís. “Os LGBT e os desafios da evangelização”. *Convergência*, n. 493, 2016, p. 474.

<sup>9</sup> CELAM. *Documento de Aparecida*, 2007, n. 402.

<sup>10</sup> AZPITARTE, Eduardo. *Ética sexual: masturbação, homossexualismo, relações pré-matrimoniais*. São Paulo: Paulus, 1991, p.65-66.

<sup>11</sup> LIMA, *ibidem*, p.475-479.

<sup>12</sup> Pessoas que não se identificam com o sexo que lhes é atribuído ao nascer. Podem ser travestis ou transexuais.

## A controvérsia sobre ideologia de gênero

Para enfrentar o ódio a LGBT e defender sua cidadania, movimentos sociais e grupos políticos propuseram que planos governamentais de educação básica contivessem a promoção da “igualdade de gênero e orientação sexual”. Por igualdade de gênero, entende-se tanto entre homem e mulher quanto entre cisgênero e transgênero, ou seja, quem se identifica ou não com o sexo que lhe é atribuído ao nascer. Por igualdade de orientação sexual, entende-se entre heterossexuais e homossexuais. A proposta gerou controvérsia e oposição de outros segmentos, incluindo religiosos cristãos. O resultado foi a retirada dessa expressão na Base Curricular do Ministério da Educação. Fala-se apenas em formação humana integral, construção de uma sociedade “justa, democrática e inclusiva” e oposição a “qualquer forma de discriminação”<sup>13</sup>.

Esta controvérsia já tinha se manifestado na ONU em 2008, quando a França propôs a descriminalização da homossexualidade em todo o mundo. A proposta incluía o fim da discriminação por orientação sexual e identidade de gênero. A delegação da Santa Sé na ONU manifestou apreço pela proposta francesa de condenar todas as formas de violência contra pessoas homossexuais, e exortou os Estados, inclusive os muçulmanos, a tomarem as medidas necessárias para pôr fim a todas as penas criminais contra elas. Para a Igreja Católica, baseando-se em uma “sã laicidade” do Estado, as relações sexuais livremente consentidas entre pessoas adultas não devem ser consideradas delito pelo poder civil. Mas o fim da discriminação por identidade de gênero e orientação sexual não foi aceito. Alegou-se que isto poderia se tornar um instrumento de pressão contra os que consideram o comportamento homossexual moralmente inaceitável, não reconhecem a união homossexual como família, nem a sua equiparação à união heterossexual e nem o seu direito à adoção e à reprodução assistida<sup>14</sup>.

Anos depois, o Sínodo dos Bispos sobre a Família fez um alerta, ratificado pelo papa Francisco, contra formas de uma ideologia chamada *gender* (gênero). Estas negam a diferença e a reciprocidade natural entre homem e mulher, preveem uma sociedade sem diferenças de sexo, e promovem uma identidade pessoal e uma intimidade afetiva desvinculadas da diversidade biológica entre homem e mulher. A identidade humana fica à mercê de uma opção individualista. O sexo biológico (*sex*) e a função sociocultural do sexo (*gender*) podem se distinguir, mas não se separar<sup>15</sup>.

Este alerta, porém, não significa necessariamente uma condenação dos estudos de gênero e de tudo o que lhes diz respeito. Tais estudos são bastante heterogêneos e não há uma teoria unificadora e abrangente. Em geral, evidenciam o papel da cultura e das estruturas sociais na configuração e na relação entre os gêneros, questionam a subalternidade de um gênero a outro, e, nas últimas décadas, contemplam a realidade de pessoas LGBT. Há pesquisas de neurociência concluindo que o sexo biológico não se reduz à genitália e à anatomia. É o cérebro que define a identidade e a orientação sexual. No caso de pessoas transgênero, o cérebro e a percepção de si não correspondem à genitália e ao restante do corpo. A pessoa se sente homem em um corpo de mulher, ou se sente mulher ou travesti em um corpo de homem. Com relação à orientação sexual, há odores ligados à masculinidade e à feminilidade, os feromônios, que quando inalados são identificados pelo cérebro e influem na percepção e no comportamento. No mundo animal, estes odores são fundamentais na aproximação entre os sexos e no acasalamento.

---

<sup>13</sup> MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Base nacional comum curricular*. 2017, p. 7 e 41. Disponível em: <basenacionalcomum.mec.gov.br>.

<sup>14</sup> “Difesa dei diritti e ideologia”. *L'osservatore romano*, 19 dez. 2008. Disponível em: <tuespetrus.wordpress.com>.

<sup>15</sup> FRANCISCO. *Exortação pós-sinodal Amoris Laetitia*. 2016, nº 56. Disponível em: <w2.vatican.va>.

Tomografias especializadas revelam que o cérebro de mulheres homossexuais responde aos feromônios de forma diferente do cérebro de mulheres heterossexuais, e de forma similar ao de homens heterossexuais. Experimentos semelhantes com homens homossexuais chegaram a resultados opostos e simétricos<sup>16</sup>.

Mesmo que haja também fatores psicossociais incidindo nesta realidade, ser LGBT não é escolha e nem opção individualista. São faces da complexa diversidade entre homem e mulher. Não se pode querer que todos os seres humanos vivam como se fossem heterossexuais e cisgêneros. Não se pode ignorar as diversas formas de discriminação e violência que oprimem e devastam tal população. A filósofa Judith Butler tem razão em querer que o medo da marginalização, da patologização e da violência seja radicalmente eliminado; bem como em almejar construir um mundo em que as pessoas possam viver e respirar dentro da sua própria sexualidade e do seu próprio gênero<sup>17</sup>.

Há uma perspectiva cristã de gênero propondo não renunciar à diferença entre homem e mulher e à sua fundamental importância, que tem raiz no sexo anatômico e constitui o arquétipo do qual se origina a humanidade. Que não se pense nos processos sociais e culturais prescindindo inteiramente do componente biológico, da estrutura genética e neuronal do sujeito humano. Todavia, que se evidencie também o papel da cultura e das estruturas sociais, reconhecendo-se o mérito dos estudos de gênero em captar a relevância das vivências pessoais na definição da identidade de gênero e de orientação sexual. Isso contribui para a superação de preconceitos causadores de graves discriminações, que levaram e ainda levam à marginalização de LGBT<sup>18</sup>.

## Caminhos de enfrentamento e superação

A superação de discriminações e marginalização tem eco na pregação e no exemplo do papa Francisco. Ele convoca a Igreja a ir às periferias existenciais, ao encontro dos que sofrem com as diversas formas de injustiças, conflitos e carências, entrar no coração do drama das pessoas, compreender o seu ponto de vista para ajudá-las a viver melhor e reconhecer seu lugar na Igreja<sup>19</sup>. O papa quer que o anúncio do amor salvífico de Deus preceda toda a obrigação moral e religiosa, curando as feridas e fazendo arder o coração, como o dos discípulos de Emaús que se encontraram com o Senhor ressuscitado. Para Francisco, o Evangelho convida antes de tudo a responder a Deus que nos ama e nos salva, reconhecendo-O nos outros e saindo de nós mesmos para buscar o bem de todos<sup>20</sup>.

Os seus gestos públicos também contribuem para abrir novos caminhos. No início de 2015, o papa recebeu em sua casa a visita do transexual espanhol Diego Neria e de sua companheira Macarena. A história de vida de Diego tornou-se então conhecida, mostrando o preconceito atroz que muitos transexuais sofrem, bem como o seu enfrentamento<sup>21</sup>. Outros encontros semelhantes ocorreram, como a visita a um presídio na Itália em que Francisco teve uma refeição na companhia de presos transexuais em sua mesa. Nos Estados Unidos, ele recebeu na nunciatura apostólica o seu antigo aluno e

---

<sup>16</sup> HERCULANO-HOUZEL, Suzana. “O cérebro homossexual”. *Mente & cérebro*, nº165, 2006, p. 46-51.

<sup>17</sup> BUTLER, Judith. “La invención de la palabra” (entrevista). *Página 12*, 8 mai. 2009. Disponível em: <www.pagina12.com.ar>.

<sup>18</sup> PIANA, Giannino. “Sexo e gênero: para além da alternativa”. *Boletim eletrônico IHU*, 16 jul. 2014. Disponível em: <www.ihu.unisinos.br>.

<sup>19</sup> *Amoris Laetitia*, n. 312.

<sup>20</sup> *Evangelii Gaudium*, n. 39.

<sup>21</sup> HERNÁNDEZ, Ana. “El bendito encuentro entre Francisco y Diego”. *Hoy*, 26 jan. 2015. Disponível em: <www.hoy.es>.

amigo gay Yayo Grassi, e o companheiro dele. Grassi já tinha apresentado o seu companheiro ao papa dois anos antes. Este relacionamento nunca foi problema na amizade entre Grassi e Francisco. Tais exemplos valem mais que mil palavras. Se todos os pais e familiares de LGBT seguissem o exemplo do papa, recebendo-os em suas casas com seus respectivos companheiros, vários problemas desta população seriam resolvidos. Certa vez um jornalista perguntou a Francisco o que ele diria a uma pessoa transgênero, e se ele como pastor e ministro a acompanharia. O papa respondeu que tem acompanhado pessoas homossexuais e transgênero, lembrando o caso de Diego, e exortou: “as pessoas devem ser acompanhadas como as acompanha Jesus. [...] em cada caso, acolhê-lo, acompanhá-lo, estudá-lo, discernir e integrá-lo. Isto é o que Jesus faria hoje”<sup>22</sup>.

Para uma sã laicidade do Estado, convém evidenciar do que se trata nas atuais proibições de discriminação por orientação sexual e identidade de gênero. No Rio de Janeiro, muitos estabelecimentos comerciais têm uma placa, em português e em inglês, dizendo que é proibido este tipo de discriminação, sob forma de constrangimentos ou atendimento diferenciado, conforme a lei municipal. Em São Paulo, uma lei estadual determina a punição de toda manifestação atentatória ou discriminatória praticada contra cidadão homossexual, bissexual ou transgênero. Uma resolução do governo federal regulamenta a inclusão dos itens "orientação sexual", "identidade de gênero" e "nome social" nos boletins de ocorrência emitidos pelas autoridades policiais no Brasil. E se considera nome social aquele pelo qual travestis e transexuais se identificam e são identificados pela sociedade. A razão desta resolução é a necessidade de dar visibilidade aos crimes violentos cometidos contra a população LGBT<sup>23</sup>, e assim favorecer ações e políticas públicas para o seu devido enfrentamento.

Portanto, tal legislação não é um instrumento de pressão contra o direito das igrejas de ensinarem sobre sexualidade, matrimônio e família, mas é uma maneira de defender pessoas que não raramente são humilhadas, hostilizadas e até massacradas. Não cabe aqui a acusação de ideologia de gênero. Não há cidadania e nem sã laicidade sem proteção das pessoas, sobretudo as mais vulneráveis, sem liberdade religiosa e de consciência, e sem convivência com a legítima diversidade em um mundo plural. Só assim os LGBT poderão viver e respirar em seu próprio gênero e sexualidade. Só assim poderão também conhecer o jugo leve e o fardo suave oferecidos por Jesus.

## Aos pais de LGBT

A situação dos pais de LGBT é muito peculiar e delicada. A grande maioria deles sonhou com filhos cisgêneros e heterossexuais, que se casariam com pessoas do sexo oposto e assim lhes dariam netos. Quando esta expectativa não se concretiza, muitas vezes ficam consternados. É algo semelhante ao luto. O filho ou a filha que eles sonharam não existe mais. Conviver com esta dura realidade exige paciência e abertura. É preciso exortá-los que os filhos, quaisquer que sejam, são sempre um presente de Deus criador aos pais e à humanidade, assim como a vida de qualquer ser humano. E os pais são para eles um instrumento da Providência divina para tenham vida, afeto, educação e valores.

Ter filhos LGBT os remete à complexa realidade da diversidade sexual e de gênero. Ao longo da história e em diferentes culturas, esta questão foi tratada de vários modos. A sociedade e as famílias estão em busca da maneira mais razoável de se lidar com isto; a

---

<sup>22</sup> Conferência de imprensa do santo padre durante o voo Baku-Roma. 2 out. 2016. Disponível em: <w2.vatican.va>.

<sup>23</sup> PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS. Resolução nº 11, de 18 dez. 2014. *Diário oficial da união*, 12 mar. 2015, p. 2. Disponível: <www.lex.com.br>.

Igreja Católica, que é parte da sociedade, também. Nenhum ser humano é um mero transgênero ou cisgênero, homossexual ou heterossexual, mas é antes de tudo criatura de Deus e destinatário de Sua graça, que o torna filho Seu e herdeiro da vida eterna.

Há mudanças importantes acontecendo na Igreja. Há vinte anos, os bispos católicos norte-americanos escreveram uma bela carta pastoral aos pais dos homossexuais, com um título profético: Sempre Nossos Filhos (*Always our children*). Eles asseveram que Deus não ama menos uma pessoa por ela ser gay ou lésbica. A Aids não é castigo divino. Deus é muito mais poderoso, mais compassivo e, se for preciso, mais capaz de perdoar do que qualquer pessoa neste mundo. Os bispos exortam os pais a amarem a si mesmos e a não se culparem pela orientação sexual dos filhos, nem por suas escolhas. Os pais não são obrigados a encaminhar seus filhos a terapias de reversão. Os pais são encorajados, sim, a lhes demonstrar amor incondicional. E, dependendo da situação dos filhos, o apoio da família é ainda mais necessário<sup>24</sup>. Tudo isto vale também para pais de bissexuais, travestis e transexuais.

Filmes e vídeos também podem ajudar pais de LGBT. Um deles é bem emblemático e muito recomendável: Orações Para Bobby<sup>25</sup>, lançado na TV norte-americana em 2009. O filme narra a história real de Mary Griffith (interpretada pela atriz Sigourney Weaver), uma mãe presbiteriana arrependida de tentar curar o filho homossexual que se matou depois de não aguentar tamanho assédio moral. A história se passa nos anos 1980 em Walnut Creek, Califórnia, próxima a São Francisco. Em 27 de agosto de 1983, Bobby Griffith tirou sua vida ao pular de um viaduto sobre uma autoestrada, aos 20 anos de idade, em Portland, Oregon, para onde se mudou.

Por quase quatro anos, ele sofreu uma dura pressão de sua família para deixar sua homossexualidade. Sua mãe, religiosa fervorosa, não admitia a homossexualidade do filho, que considerava doença e abominação, e contra qual usava a Bíblia para respaldar suas convicções. Bobby tinha um diário, registrando questionamentos a Deus e frases de auto rejeição baseados nos ensinamentos que recebeu. Estes revelam claramente como sua religiosidade, em uma igreja que o condenava ao inferno, e a falta de apoio da família foram cruciais em sua decisão de acabar com a própria vida.

Em entrevista posterior, a mãe de Bobby afirmou que o irmão só lhe contou que Bobby era gay depois que ele tentou se matar, e que ele já sabia do fato há mais de 2 anos. Ela só percebeu que o filho não escolheu ser gay quando ele morreu, e depois de pesquisar sobre homossexualidade, algo que lamenta não ter feito antes. Mary tornou-se militante em uma associação de familiares e amigos de gays e lésbicas. Aos pais, ela dá um recado: “Eu falei com muitos pais nesses anos. E eu acho que eu só poderia lhes dizer que ouçam seus filhos e não tentem fazer prevalecer suas opiniões sobre as deles”<sup>26</sup>.

Os pais de Bobby ainda vivem em Walnut Creek. Oito meses após a morte de seu filho, Mary deu um depoimento na reunião do conselho municipal, onde se votava a instituição de um dia para celebrar a liberdade gay. Este depoimento foi transformado em um dos momentos mais comoventes do filme:

“Homossexualidade é um pecado. Homossexuais estão condenados a passar a eternidade no inferno. Se quisessem mudar, poderiam ser curados de seus hábitos malignos. Se se desviassem da tentação, poderiam ser normais de novo, se eles ao menos tentassem e

---

<sup>24</sup> *Always our children*. Disponível: <www.usccb.org>. Resumo em: LIMA, *ibidem*, p. 488.

<sup>25</sup> Disponível em: [www.youtube.com](http://www.youtube.com), em versão legendada e em versão dublada.

<sup>26</sup> “A história real por trás de Orações Para Bobby”. *Lado A*, 15 out. 2012. Disponível em: <[revistaladoa.com.br](http://revistaladoa.com.br)>.

tentassem de novo em caso de falha”. Isso foi o que eu disse ao meu filho Bobby, quando descobri que ele era gay.

Quando ele me disse que era homossexual, meu mundo caiu. Eu fiz tudo que pude para curá-lo de sua doença. Há oito meses, meu filho pulou de uma ponte e se matou. Eu me arrependo amargamente de minha falta de conhecimento sobre gays e lésbicas. Percebo que tudo o que me ensinaram e me disseram era odioso e desumano. Se eu tivesse pesquisado além do que me disseram, se eu tivesse simplesmente ouvido meu filho quando ele abriu o coração para mim... eu não estaria aqui hoje, com vocês, plenamente arrependida.

Eu acredito que Deus foi presenteado com o espírito gentil e amável do Bobby. Perante Deus, gentileza e amor é tudo. Eu não sabia que, cada vez que eu repetia a condenação eterna aos gays... cada vez que eu me referia a Bobby como doente, pervertido e perigoso às nossas crianças... sua autoestima e seu valor próprio estavam sendo destruídos. E finalmente seu espírito se arruinou além de qualquer conserto. Não era desejo de Deus que Bobby se debruçasse sobre o corrimão de um viaduto, e pulasse bem em frente a um caminhão de dezoito rodas que o matou instantaneamente. A morte de Bobby foi resultado direto da ignorância e do medo de seus pais quanto à palavra “gay”.

Ele queria ser escritor. Suas esperanças e seus sonhos não deveriam ser arrancados dele, mas foram. Há crianças como Bobby presentes em suas reuniões. Sem que vocês saibam, elas estarão ouvindo quando vocês dizem “amém”. E isso logo silenciará as preces delas. Preces para Deus por entendimento, aceitação e pelo amor de vocês. Mas o seu ódio, medo e ignorância sobre a palavra “gay” silenciarão essas preces. Então... antes de dizer “amém” em sua casa e lugar de adoração, pensem. Pensem e lembrem-se: uma criança está ouvindo.

## Considerações finais

Certa vez, o papa deu um conselho precioso: “é melhor ficar longe dos sacerdotes rígidos, eles mordem”<sup>27</sup>. E não são só sacerdotes rígidos que causam dano a tantas pessoas, mas também movimentos religiosos e fiéis rigoristas. É preciso que os LGBT sejam protegidos de discursos tóxicos e práticas nocivas, como exorcismos ou orações de “cura e libertação”. Colégios, paróquias, movimentos, pastorais e obras sociais devem ser ambientes acolhedores e não hostis.

A Palavra de Deus, tirada de contexto e lida em perspectiva rigorista, torna-se palavra de morte, um instrumento diabólico. Daí vêm as “balas bíblicas” disparadas impiedosamente contra homossexuais e transgêneros. O mesmo acontece com o ensinamento da Igreja. Esta Campanha da Fraternidade que visa superar a violência, é uma chance extraordinária de se fazer o bem, revendo-se conceitos e práticas a respeito de homossexuais e transgêneros. Ao considerar todas as pessoas que nós conhecemos, sobretudo as mais vulneráveis, não deve haver dúvida: as nossas palavras podem salvar vidas. Ou podem arruiná-las. Oxalá elas salvem. Amém.

## Questões para reflexão

1. Conheço pessoas LGBT em situação vulnerável, expostas a violência física ou verbal, deboche ou outras situações humilhantes? Como posso ajudá-las?

<sup>27</sup> *Discurso do papa Francisco aos participantes no congresso promovido pela Congregação para o Clero*. Roma, 20 nov. 2015. Disponível em: <w2.vatican.va>.

2. Como a paróquia, a escola, o movimento ou a obra social em que eu trabalho acolhe estas pessoas?

3. Como os pais de LGBT que eu conheço lidam com estes filhos? Precisam de ajuda?